

A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA O DIRECIONAMENTO DE CARREIRA NA ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia

2013

Natalia de Quadros Oliveira

Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE), Brasil

Orientador:

Roberto Calmon Pessoa

Mestre docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE), Brasil

E-mail de contato:

nataliaqol@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho, realizado através de pesquisa bibliográfica, pretendeu avaliar a importância da Orientação Profissional no direcionamento de carreira na Adolescência. Foram analisadas as necessidades, dificuldades e circunstâncias frente a escolha da profissão nesse estágio da vida. Os estudos foram construídos a partir de autores como Aberastury e Knobel, (2007), Bohoslavsky (2007); Salanova, Garcia e Peiró (1996); Calligaris (2000); Sparta (2003) entre outros. A adolescência, que é marcada por conflitos devido as mudanças físicas e psicológicas no sujeito, faz com que esse tenha dificuldade em definir uma identidade, devido a transição da fase infantil para adulta, o que dificulta também na escolha profissional. Portanto, a participação do profissional de Psicologia nesse contexto é fundamental, pois ajudará o adolescente na sua vocação profissional. A Orientação Profissional exerce uma função plena, para que haja uma condição considerável para a realização de uma escolha profissional que trará benefícios e satisfação no futuro.

Palavras-chave: Adolescência, psicólogo, orientação profissional.



1. INTRODUÇÃO

A Orientação Profissional na Adolescência, tema estudado por este trabalho, destaca a importância dessa modalidade na escolha da profissão na tão famosa adolescência. É desse ponto que surgem os questionamentos acerca das profissões, pois essa fase é marcada por conflitos, por conta das perdas geradas pela puberdade.

A escolha profissional é um processo pelo qual os adolescentes vivenciam para ingressarem no mundo profissional e no mercado de trabalho que inclusive é marcado por mudanças rápidas. Por estarem num momento de intensas modificações, os adolescentes se sentem inseguros e com muitas dúvidas para fazer uma escolha quanto a sua profissão. Por isso surge a necessidade de procurar a Orientação Profissional (KRAWULSKI, 1991).

Esse processo de escolha é marcado por ansiedade e medos, contudo, a Orientação Profissional tem a proposta de auxiliar os adolescentes a lidar melhor com esses sentimentos promovendo o autoconhecimento e reflexão acerca da escolha profissional. Desta forma, o jovem irá se sentir mais seguro na hora de tomar uma decisão, já que esta precisa ser fundamentada no desejo e nos objetivos que o adolescente projeta para seu futuro.

Outro aspecto da Orientação Profissional diz respeito ao acesso a informações profissionais sobre cursos, mercado de trabalho, oportunidades, especializações, como também ao papel de auxiliar aos jovens a fazerem uma reflexão sobre a relevância do trabalho. (KRAWULSKI, 1991)

Além disso, existem as influências na escolha por parte das pessoas significantes para o adolescente, principalmente da família, pois esta é o modelo de referência de qualquer pessoa, e geralmente os pais depositam suas expectativas em cima desses jovens. Por conta disso, existe uma pressão que gera angústia no momento de escolha.

Diante desse cenário que surge o questionamento que é o foco para a realização dessa investigação: A importância da Orientação Profissional para o direcionamento de carreira na Adolescência.

O objetivo do trabalho se movimenta no sentido de avaliar quais as dificuldades, circunstâncias e necessidades para se fazer a escolha nesse momento de vida.

O interesse acerca do tema foi movido pelas experiências de estágio na área de Orientação Profissional, com esse público, adolescente. Durante as vivências nesse grupo, foi notória a relevância dessa modalidade, nessa etapa de vida dos sujeitos, pois se tem uma demanda grande.

A pesquisa será realizada através de uma revisão bibliográfica, que contará com as teorias, ideias e fatos principais sobre o tema, através de análises da bibliografia selecionada. Para obter as informações necessárias serão utilizados livros, artigos, revistas e teses de mestrado, que abordam o surgimento da Orientação Profissional e as principais teorias usadas no passado e nos tempos atuais. Nesse sentido, os estudos foram construídos à luz de autores como Aberastury e Knobel, (2007), Bohoslavsky (2007); Salanova, Garcia e Peiró (1996); Calligaris (2000); Sparta (203) entre outros.

O artigo será organizado com base nos seguintes aspectos: A função estruturante do trabalho; A evolução da Orientação Profissional; A adolescência; A Orientação Profissional na Adolescência. A conclusão abordará a discussão dos resultados obtidos, verificando as relevantes observações encontradas durante a pesquisa e os pontos a serem ajustados.

2. A FUNÇÃO ESTRUTURANTE DO TRABALHO

O trabalho é de suma importância para o desenvolvimento do sujeito enquanto ser social, pois é através dele, que o indivíduo assume seu papel na sociedade, podendo ser este trabalho uma fonte de identificação e realização para atender as demandas subjetivas e as funções psicossociais (SALANOVA; GRACIA; PEIRÓ, 1996). Os autores apresentam algumas funções psicossociais do trabalho, como:

- Fonte significativa de satisfação contribuindo para a formação e desenvolvimento da identidade pessoal e promoção da autoconfiança.
- Meio para conseguir status e prestígio social para obter o reconhecimento, respeito dos outros e para promover interações e vínculos sociais.
- Fonte de subsistência, para adquirir bens de consumo, e proporcionar independência financeira.
- Organizador do tempo, levando o sujeito a organizar as tarefas diárias de cunho laboral, familiar e de lazer.

O trabalho quando é relevante para o sujeito traz sentido e significado, vai de encontro com seus valores enquanto pessoa e permite, que o indivíduo acredite no trabalho desempenhado, tornando assim uma atividade prazerosa, e que possibilita o seu reconhecimento. Em consequência disso contribui não só financeiramente, mas também para o crescimento e desenvolvimento enquanto sujeito (TOLFO; PICCININI, 2006).

O trabalho quando realizado por identificação possibilita a autonomia do sujeito motivando-o a pensar e criar, permitindo-o enfrentar os desafios propostos pelo seu trabalho

(TOLFO; PICCININI, 2006). Portanto, o trabalho pode ter uma conotação positiva ou negativa para o indivíduo. Quando positiva, traz elementos importantes para o desenvolvimento do sujeito na execução do seu trabalho, e também permite, que ele se implique e o conduza de forma particular. Quando negativa, produz sentimentos de frustração e desânimo frente as atividades desenvolvidas. (SALANOVA; GRACIA; PEIRÓ, 1996).

Sendo assim, a inserção do indivíduo na sociedade está diretamente vinculada ao trabalho, na qual, a Orientação Profissional serve como subsídio para facilitar a escolha da profissão, e por sua vez contribuir positivamente no exercício da mesma.

3. A EVOLUÇÃO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A relação que os indivíduos estabelecem com suas funções laborais é um tema estudado desde antes da era Cristã. Platão deixou isso claro em sua obra “A República”. Sua ideia central era baseada em uma divisão de trabalho, onde algumas atividades seriam mais bem executadas por um perfil específico de trabalhadores. Na Roma Antiga, Cícero observou que em determinadas funções seria mais indicados profissionais com habilidades para dominá-las, com isso se notou que havia uma equivalência entre pessoas e algumas atividades. Porém, até então, não existia a ideia de escolha ou direcionamento profissional. As profissões eram estabelecidas pelo nível social e por tradições familiares (CARVALHO, 1995 apud PESSÔA, 2011).

A Orientação Profissional surgiu enquanto serviço com a finalidade de elevar a produção industrial. Ela se iniciou na Europa no século XX, no Centro de Orientação Profissional de Munique, no ano de 1902, onde seu objetivo era identificar trabalhadores inaptos para ocupar algumas funções, e através disso evitar acidentes de trabalho (CARVALHO, 1995; SPARTA, 2003).

A Orientação Profissional veio se firmar enquanto prática entre os anos de 1907 e 1909 com a criação do Centro de Orientação Profissional norte-americano, o *Vocational Bureau of Boston*, e o livro *Choosing a Vocation*, criados por Frank Parsons.

Com a 1ª guerra mundial (1914 a 1918) a Orientação Profissional evidenciou a ideia da equivalência do cargo com as características dos ocupantes onde visava à eficácia, foram utilizados instrumentos como teste para recrutar soldados para ingressar no exército (CARVALHO, 1995 apud PESSÔA, 2011).

No ano de 1927, pesquisas foram realizadas para avaliar a relação da escolha com a satisfação profissional, também foram feitas pesquisas sobre a ligação das relações humanas e produtividade (MAGALHÃES, 1997).



Os recursos psicrométricos foram bastante utilizados durante a 2ª guerra mundial, que tinha o objetivo de realizar uma análise fatorial para verificar a correspondência entre o perfil do trabalhador e a função exercida. Com o fim da guerra, surgiram avanços tecnológicos e desenvolvimento do processo de industrialização e a descoberta de novas profissões. Foram discutidos os instrumentos usados durante esse tempo, pois queriam saber se ele era válido para a situação atual (CARVALHO, 1995 apud PESSÔA, 2011).

Aspectos afetivos e sociais foram levados em conta quanto ao desempenho profissional e produtividade na década de 40, favorecendo para que a Orientação Profissional ficasse mais direcionada para fatores subjetivos e relacionais (CARVALHO, 1995 apud PESSÔA, 2011).

A partir disso, Carlos Rogers provocou algumas mudanças com a criação do seu livro que tinha como base a terapia centrada no cliente, que se assemelha a Psicoterapia e ao Aconselhamento Psicológico. A participação do cliente era fundamental para o processo de intervenção, por isso passa a não ser diretivo. Com isso, Rogers muda o paradigma da Orientação Profissional (SPARTA, 2003).

Em 1959 foi publicada a teoria Tipológica de John Holland que formulou que os interesses profissionais dependiam da personalidade do indivíduo, cujas características definem diversos grupos laborais e ambiente de trabalho (SPARTA, 2003).

J. Holland determinou seis tipos de personalidades vocacionais, onde cada personalidade possuía características, habilidades e interesses, que se relacionavam com as profissões. As equivalências das personalidades vocacionais dos indivíduos tinham a ver com o processo de estruturação da personalidade, que era resultante das questões hereditárias, relacionais e sócio-econômicas (PELLETIER, NOISEAUX & BUJOLD, 1977 apud PESSÔA, 2001).

Em 1950, foram publicadas Teorias Psicodinâmicas da escolha profissional, que tinha como base a Teoria Psicanalítica, a Teoria de Satisfação das Necessidades, e Teorias de Tomada de Decisão, que atentava mais com o momento da escolha do que com processo em si (SPARTA, 2003).

Em 1951 foi publicado um livro, *Occupational Choice*, por Ginzberg, Ginsburg, Axelrad e Herma, que trouxe a primeira teoria do Desenvolvimento Vocacional, onde tinha como ideia que a escolha profissional era um processo evolutivo que acontece da infância até o início da vida adulta. No ano de 1970, Ginzberg fez uns ajustes na sua teoria e estabeleceu que a escolha profissional é um processo que acontece durante toda a vida do indivíduo (SPARTA, 2003).

O paradigma desenvolvimentista foi bem representado por Donald Super, que publicou a teoria do Desenvolvimento Vocacional, onde defendia a escolha profissional como um processo que acontece ao longo da vida do sujeito e da realização vocacional (SPARTA, 2003).

Donald Super foi um dos teóricos acerca da Orientação Profissional que estruturou teorias com mais consistência sobre o processo de escolha profissional (SUPER apud BOWN, 1990).

A Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Donald Super, publicada no ano de 1953, demandou a escolha profissional como um processo que ocorre ao longo de toda a vida, da infância à velhice, que passa por etapas distintas, cada uma com diferentes tarefas de desenvolvimento a serem realizadas (SPARTA, 2003).

Na América Latina, principalmente no Brasil e Argentina, nos serviços de Orientação profissional, Rodolfo Bohoslavsky (1977) trouxe a estratégia Clínica como referência, onde fundamentava-se os aspectos subjetivos do indivíduo, já que a escolha profissional, seria para ele um processo demarcado por toda vida, mas o ponto principal da teoria era voltado para a escolha profissional na adolescência (CARVALHO, 1995).

4. A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é compreendida culturalmente como a transformação substancial do corpo infantil, que passa a adquirir características e funções do corpo adulto, que são estabelecidos pela puberdade e pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais. Mudanças tanto físicas quanto psicológicas são marcantes nesse período, a relação com os pais e com o mundo é modificada a partir delas. Quando o jovem passa por essa transição ele muda a imagem corporal da infância, logo sua identidade também é modificada, por isso é necessário que ele se adapte a essa fase e tenha uma nova visão de mundo para então transformá-lo (ABERASTURY; KNOBEL, 2007).

Segundo Erikson, a grande dificuldade nessa fase, é manter a identidade com as mudanças vividas, por isso o autor considera a identidade como sendo um processo biopsicossocial, que conserva aspectos essenciais do indivíduo e da sociedade (ABERASTURY; KNOBEL, 2007).

O jovem, ao construir sua identidade, faz uma ruptura com os objetos referentes à sua infância e com os pensamentos infantis. Esses elementos são importantes para os adolescentes, pois nesse momento eles estão avaliando sua subjetividade. Vale ressaltar que a identidade adulta ainda está em processo, vai se constituindo aos poucos, é o que se espera pelo menos para envelhecer de uma forma mais saudável (CAJAÍBA, 2009). A psicanálise crê que é preciso integrar o passado, o experimentado, o internalizado (e também o rejeitado) com as novas requisições do ambiente e com as necessidades instintivas configuradas no campo das relações interpessoais. Isso tem que ser vivido pela personalidade do adolescente.

Aberastury cita “A Síndrome Normal da Adolescência” para explicitar os conflitos que sofre o indivíduo nessa transição: busca identidade; tendência grupal; necessidade de

intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocalização temporal; evolução sexual manifesta; atitude social reivindicatória; contradições sucessivas; separação progressiva dos pais; constantes flutuações de humor e do estado de ânimo. Além disso, há complicações sociais atribuídas a essa fase do desenvolvimento: a imagem de si, a descoberta dos desejos sexuais, a competição, que são atributos típicos da fase da puberdade e/ou adolescência (CALLIGARIS, 2000).

A imagem de si, torna-se uma crise devido as transformações no corpo, por isso é preciso que o adolescente elabore e ressignifique sua imagem corporal e suas mudanças funcionais, que são representadas pela carga de hormônios, que acontece na puberdade. O processo do luto do corpo infantil perdido traz consequências como a mudança do esquema corporal, o próprio conhecimento físico são particularidades específicas dessa etapa. O sujeito passa a possuir um autoconceito que é estabelecido de acordo com as transformações e integrações através da convivência com pessoas, grupos e instituições do seu meio social, valores e crenças são assumidos. A identidade vai se configurando através dessas experiências (ABERASTURY; KNOBEL, 2007). Há também a sexualidade que é iniciada nessa fase, e a tarefa do jovem é deslocar o objeto de amor infantil e estabelecer outro tipo de vínculo afetivo com outras pessoas, levando em conta todas as consequências. A autoridade dos pais também é questionada nessa fase, pois ao atingir esse nível, o jovem procura estabelecer sua autonomia, e esse é um dos principais conflitos que essa fase traz (CAJAÍBA, 2009).

Cajaíba (2009), ainda traz na fase da adolescência, a difícil tarefa, para os jovens, ao fazer escolhas e projetos para a vida profissional. A dificuldade está na falta de autoconhecimento, apesar de terem acesso a informações através da globalização, contudo a sociedade capitalista solicita profissionais cada vez mais especializados.

O fato é que os jovens nessa idade possuem condições para ingressarem no mercado de trabalho, pois seus aspectos físicos, cognitivos e afetivos estão organizados, mas vale ressaltar que ainda estão se aproximando das condições dos adultos. Mas há uma contradição nessa situação, pois não lhe são permitidos total autonomia, e é daí que surgem as diversas situações negativas, que são típicas nessa fase ainda no âmbito profissional como: rebeldia, conflito geracional, indefinição de identidade e onipotência (OZELLA, 2013).

Ao que consta ainda há uma difícil tarefa para os jovens nessa etapa de vida: fazer escolhas e projetos para a vida profissional. A dificuldade está na falta de autoconhecimento, apesar de terem acesso a informações através da globalização. A construção do futuro é quando se entende que autonomia só é permitida aos sujeitos como uma conquista, e que exige paciência para saber esperar, que no caso é um pouco complicado para essa geração que tem prazeres imediatos e sucesso (CAJAÍBA, 2009).



Calligaris (2000) define o adolescente como sendo alguém que possui tempo para processar os valores compartilhados pela sociedade, tanto o sucesso financeiro quanto o amoroso; possui corpo maduro para que possa enfrentar de maneira efetiva e eficaz as atividades que lhe são impostas por esses valores, de modo igual para igual com todos; para quem, a sociedade acredita que existe um sujeito com plenas condições de exercer os ideais da sociedade, instruídos a fazer escolhas pelos pais, grupos e mídia. E mesmo pelo fato de estarem aptos a competição, ainda estão sob a tutela de adultos por mais uns dez anos.

A concepção da Adolescência ainda é um conceito criado recentemente no mundo Ocidental. Nas sociedades primitivas a transição da infância para a adolescência é mais nítida do que em nossa sociedade. Isso porque, seu principal foco seria na responsabilidade dos adolescentes em ingressarem no mundo adulto, através dos valores sociais que são exigidos para a convivência nesse meio. Já em nossa sociedade esse objetivo não está tão claro assim, por isso ele chega a essa fase posterior sem muitas garantias, fazendo com que eles se movimentem em busca de seu lugar, construindo-o (CAJAÍBA, 2009).

5. A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ADOLESCÊNCIA

Segundo Boholasvsky (2007), a Orientação Vocacional

É um dos campos da e atividade dos cientistas sociais. Como tal, compreende uma série de dimensões ou ramos, que vão desde o aconselhamento na elaboração de planos de estudo até a seleção de bolsistas, quando o critério seletivo é a vocação. Portanto, constitui uma gama de tarefas, que inclui o pedagógico e o psicológico, em nível de diagnóstico, de investigação, prevenção e a solução da problemática vocacional. (BOHOSLAVSKY, p.1, 2007).

O autor destaca duas modalidades em relação à orientação vocacional que são estatística e clínica.

A Estatística estabelece que devido aos conflitos vivenciados na adolescência os jovens estão impossibilitados de fazer a escolha da profissão por si só, conclui que cada carreira depende um perfil específico de aptidões, onde são definíveis e mensuráveis. A relação de satisfação no estudo e no trabalho depende dos interesses. As profissões e a realidade sociocultural são imutáveis, acredita que se o jovem possuir as aptidões necessárias não irá enfrentar obstáculos. A função do psicólogo é de aconselhamento, demonstrando seu papel ativo.



A Clínica aponta para o fato de que é possível que o jovem tome uma decisão, mas é preciso que antes elabore seus conflitos e ansiedades que estabelecem com seu futuro. Acredita que as carreiras e profissões solicitam as potencialidades, mas não são específicas. A realidade sociocultural muda, e surgem novas carreiras especializações e campos de trabalho. Estabelece que as condições atuais sejam relevantes, mais relevante é antecipar o futuro. *“Ninguém pode prever o sucesso, a menos que seja entendido como a possibilidade de superar obstáculos com maturidade”*. O adolescente nessa modalidade apresenta um papel ativo, e o psicólogo tem a função de esclarecer e informar. A ansiedade deve ser resolvida, mas só com a elaboração dos conflitos que desencadearam esse processo.

Bohoslavsky (2007) lança mão da estratégia clínica que significa: “abordagem de estudo, que é o comportamento dos seres humanos”, Ao considerar a “estratégia” sugere atuar e observar o comportamento humano, podendo ser este, sadio ou doente, e em todos os campos de trabalho.

O autor acredita que o homem tem a capacidade de decisão e possibilidade de escolha, E nessa abordagem, cabe uma posição ética, pois se acredita que por esse homem ser sujeito a escolhas, isso lhe compete, e o profissional não tem o direito de expropriar. Portanto, o desejo e a tomada de decisão frente a escolha profissional tem que partir do próprio adolescente, nessa situação o orientador profissional só promoverá condições adequadas, para que esse tenha sucesso na sua decisão.

Segundo Bohoslavsky (2007) o jovem tem preocupações quanto ao seu futuro, por isso procura aconselhamento para definir qual carreira pretende seguir. Sua concepção sobre futuro indica uma carreira, universidade, professores, colegas. Para eles o futuro não é uma coisa abstrata, é personificada e ao mesmo tempo desconhecida. Outra atribuição para o futuro é o de ingresso na sociedade, onde assumirá seu papel e desenvolvê-lo. Por isso, que surgem os conflitos quanto a escolha, pois há uma grande preocupações com o futuro, o que acaba por gerar angústias e incertezas.

A sociedade é chamada de classes abertas, onde o exercício de uma profissão pode determinar a importância social do sujeito. Contudo, os adolescentes se preocupam cada vez mais em pertencer a essa classe futuramente, até mesmo devido às pressões externas cobradas pela sociedade, causando receios de desprestígio e falta de capacidade (BOHOSLAVSKY, 2007) .

Na transição da infância para a fase adulta ocorrem diversas mudanças onde há necessidade de adaptação e é através do estudo e do trabalho, que o adolescente busca assumir papéis sociais na vida adulta. No campo psicológico, esse processo de adaptação é entendido como identidade ocupacional, definida por Bohoslavsky, (2007) como a autopercepção, ao longo do tempo, em termos papéis ocupacionais.

Bohoslavsky (2007, p.11) cita Arminda Aberastury que diz que: “A dinâmica de toda adolescência, normal ou em conflito, relaciona-se com a elaboração de três lutos básicos: o luto



pelos pais, o luto pelo corpo infantil, e o luto pelas formas infantis de relação (papel e identidade”. Contudo, é necessário que esses lutos sejam atravessados para que os adolescentes se estabeleçam e cheguem a uma decisão favorável quanto ao seu futuro profissional.

De acordo com Bohoslavsky (2007) os lutos são complicados de serem notados, mas é fato que eles se encontram ligados a escolha de uma carreira. Os lutos pela perda de onipotência, pois a relação com os novos objetos implicam mais conhecimento da realidade e dos próprios limites em relação a onipotência.

Segundo Bohoslavsky (2007), uma pessoa adquire identidade ocupacional, ou seja, se identifica em determinada profissão, quando integrou suas diferentes identificações e sabe o que quer fazer, de que modo e em que contexto. Portanto, a identidade ocupacional é conquistada através das elaborações dos conflitos, e também quando o adolescente já tem noção do que lhe pode trazer satisfação e realização profissionalmente.

Diante disso, algo relevante na escolha profissional dos adolescentes são as relações que ele estabelece com o meio social, pois a escolha também está relacionada com o outro, já que, o indivíduo tende a se identificar construindo modelos referenciais para vida laboral (BOHOSLAVSKY, 2007). Dentre essas relações, Bohoslavsky (2007) traz alguns aspectos fundamentais para essa escolha:

Ideal de Ego:

As relações significativas ou frustradoras, com as pessoas desempenham papéis sociais, a criança se identifica de maneira consciente ou inconsciente, e a partir desse princípio será desenvolvido sua relação com o mundo adulto, Por isso, as ocupações desempenhadas por essa fonte de identificação jamais possui uma neutralidade. O querer da criança é baseado no querer ser igual a essa pessoa a quem ele se identifica. O ideal de ego, em termos ocupacionais, se estabelecerá em termos de relações, com cargas afetivas, com as pessoas que exercem os papeis ocupacionais;

Identificação familiar:

A família exerce uma função de referência principal na vida dos sujeitos, diante disso é que esse grupo possui valores significativos na orientação do adolescente, podendo ser essas relações de modo positivo ou negativo;



Identificações com grupos ou pares:

A relação estabelecida é semelhante com as do grupo familiar, mas com um diferencial, essas relações não são vistas de modo negativo. A participação desse grupo é algo definido e que deve ser estabelecido, por isso, gera uma submissão diante das normas do grupo e as transgressões são apresentadas como geradoras de culpa.

Identificações sexuais:

Na sociedade, existem profissões mais ou menos “femininas” ou “masculinas”, o adolescente integra sua valoração em sua identidade ocupacional. Os padrões culturais quanto a esses papéis, desempenhados por homem ou mulher, vão sendo internalizados diante das gêneses da identidade ocupacional do adolescente, por isso exercem papel fundamental como causas de gostos, interesses, atitudes e inclinações.

De acordo com Bohoslavsky (2007) existe um conflito que é bastante percebido no momento da escolha, devido ao sistema de valores, o jovem não só se preocupa com uma escolha que lhe trará satisfação, há uma busca por uma escolha que também lhe trará uma boa remuneração. Mas isso tem a ver com o nível social da pessoa que escolhe.

Para Bohoslavsky (2007), o adolescente passa por fases de desestruturação e reestruturação da personalidade, e isso tanto tem a ver com seu mundo interior quanto com o exterior. Há uma dificuldade de reconhecimento nessa fase, e um questionamento feito pelos jovens, “eu sou eu”, há essa dúvida de que “ele é ele”. Essa experiência é marcada por três aspectos: tempo, espaço e outros contextos.

- **TEMPO:** Nesse aspecto o jovem sente que ele é ele, pois tem projetos que são tomados como seus, demonstram ter aspirações e que precisam colocá-las em prática e que possuem condições para isso. Outro ponto fundamental nesse aspecto temporal é sobre as expectativas sobre si, o mundo e os outros. Isso seria o *ideal de ego*, descrito pela perspectiva freudiana. A forma de chegar perto do *ideal de ego* é que vai definir o grau de autoestima.

- **ESPAÇO:** A sensação de “eu sou eu”, é baseada pelo esquema corporal, quer dizer sua representação sobre o corpo, que define o espaço próprio (interior) e o espaço não próprio (exterior)

- **OUTROS:** Nesse aspecto o “eu sou eu” está relacionado com “minhas relações com os demais”. Essas relações com os demais são marcadas por um vínculo de duplo sentido que são os processos projetivos e introjetivos.

Diante de tudo isso, o adolescente ao fazer a escolha profissional, está definindo quem vai ser, qual o papel assumirá na sociedade, pois, ao escolher está fixando quem deixará de ser, optará em deixar de ser adolescente, e também deixará de ter outra profissão. Portanto, para que



o adolescente tome uma decisão, outras possibilidades são deixadas para trás, e é daí que surgem os conflitos que geram ansiedade e medo frente a escolha, por isso é necessário enfrentá-los e resolvê-los.

“Portanto, quem escolhe não está somente escolhendo uma carreira. Está escolhendo “com o que” trabalhar, está definindo “para que” fazê-lo, está pensando num sentido para a sua vida, está escolhendo um” como”, delimitando um “quando” e “onde”, isto é, está escolhendo o inserir-se numa área específica da realidade ocupacional. “(BOHOSLAVSKY, 2007)

Dessa forma, supõe-se que a escolha da carreira está vinculada com a elaboração dos lutos já citados, que quando bem elaborado, pode tolerar o sentimento de culpa diante do objeto e de si mesmo, vivenciados por toda separação. A culpa é experimentada, acontece porque diante de uma situação de separação dos objetos o ego fica empobrecido, porque envolve as identificações projetivas, por isso a separação dos objetos assemelha-se a separar-se de partes do self.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio dessa pesquisa bibliográfica mostram, que existe grande dificuldade para os adolescentes chegarem a uma escolha profissional, devido aos tantos conflitos vivenciados nessa idade e que, por isso é necessário e de suma importância, que o adolescente consiga elaborar esses conflitos, para que no meio social estabeleça relações significativas, que lhe permita construir características e/ou conceitos próprios, que lhe ajude a definir suas escolhas para vida, bem como sua realização profissional.

As circunstâncias apresentadas ao adolescente no decorrer dessa fase, devem ser identificadas e trabalhadas, para que essas não atrapalhem no processo de escolha de carreira, e essa seja feita de forma consciente. Então, a Orientação Profissional tem a função de promover condições adequadas, para que o adolescente reflita e defina seu projeto de vida, através do aprendizado, do autoconhecimento e do exercício desse, para que, então, assuma sua condição e escolha sua profissão. E com isso ter um futuro profissional marcado por satisfação, permitindo-lhe se sentir valorizado e prazer na função exercida.

As motivações, que levarão a escolha coerente, serão provenientes das suas relações com o meio social e com figuras significativas encontradas nele. Mas é importante ressaltar, que essas escolhas não sejam impostas em hipótese alguma, pois cabe ao adolescente “refletir” sobre cada influência e administrá-las para chegar a uma decisão, o que trará benefícios para sua vida pessoal e laboral. Vale lembrar, que as condições socioeconômicas também interferem no

processo de escolha, já que, status e dinheiro, são valorizados no sistema capitalista, e é o que induz muitas escolhas profissionais, já que, na maioria das vezes, o indivíduo busca profissões, que tenham boa remuneração, algo que implica muitas vezes nunca má escolha, já que, designa insatisfação laboral.

Então, nesse contexto em que o adolescente tanto enfrenta as mudanças da idade infantil para a adulta, e também a necessidade de uma escolha profissional, e que o trabalho profissional de Psicologia fica evidente, pois esse pode ajudar esse sujeito na elaboração desses conflitos e dar-lhe uma orientação profissional. A Orientação Profissional exerce uma função plena para que haja uma condição de escolha consciente, pois o papel do psicólogo é o de auxiliar o jovem a reconhecer suas habilidades, necessidades, dificuldades, circunstâncias frente a escolha da profissão nesse estágio de vida.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal, um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre. Editora Artemed, 2007.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

KRAWULSKI, E. **A Orientação Profissional e o Significado do Trabalho**. Dissertação de Mestrado - Pós-Graduação em Administração da UFSC, 1991.

LENFLUS, R. S. et al. **Psicodinâmica da escolha Profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OZELLA, S. **Adolescências Construídas, a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

PESSÔA, R. C. **Maturidade de carreira e desenvolvimento acadêmico em estudantes dos anos finais do ensino fundamental**. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia – Ipsi, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Salvador, 2011.

SALANOVA, M. ; GARCIA, F.J. ; PEIRÓ, J.M. **Tratado de Psicología Del Trabajo: Aspectos psicosociales del trabajo**. v.II p. 35-63, Buenos Aires, Síntesis Psicología, (1996).

SPARTA, M. **O Desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil**. Revista Brasileira de Orientação Profissional, São Paulo, v.4, Dez. 2003.

TOLFO, S.R.; PICCININI, V. **Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros**. Revista Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, v. 19, 2007.

KRAWULSKI, E. **A Orientação Profissional e o Significado do Trabalho**. Dissertação de Mestrado - Pós-Graduação em Administração da UFSC, 1991. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-88891998000100002&script=sci_arttext

PESSÔA, R. C. **Maturidade de carreira e desenvolvimento acadêmico em estudantes dos anos finais do ensino fundamental**. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia – Ipsi,



Universidade Federal da Bahia, Salvador, Salvador, 2011. Disponível em:
http://www.pospsi.ufba.br/Roberto_Calmon.pdf

SPARTA, M. **O Desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil.** Revista Brasileira de Orientação Profissional, São Paulo, v.4, Dez. 2003. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902003000100002&script=sci_arttext

TOLFO, S.R.; PICCININI, V. **Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros.** Revista Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, v. 19, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400007&script=sci_arttext

